

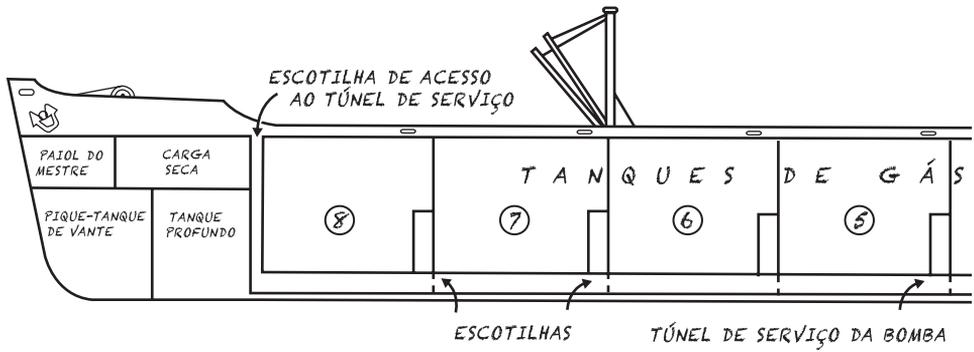
Este livro é dedicado a

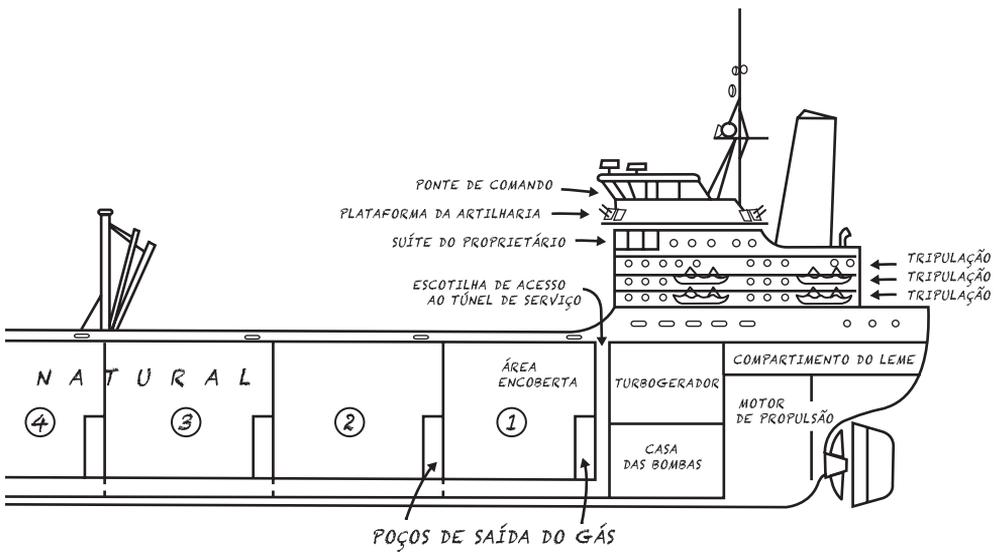
MOKHINISO,

*Rainha do meu Coração,
sem cujo amor e encorajamento
jamais poderia ter sido escrito*

Pai eterno, salvador onnipotente,
que com o braço deténs a vaga inclemente,
Tu, que ao poderoso oceano profundo ordenas
deter-se nos limites por Ti demarcados,
oh, escuta-nos quando a Ti a nossa voz implorar
por aqueles em perigo no mar.

GOLDEN GOOSE









1

O vento *khamsin* já soprava há cinco dias. As nuvens de poeira rolavam em direção a eles ao longo da melancólica vastidão do deserto. Hector Cross usava um lenço *keffiyeh* às riscas em volta do pescoço e óculos próprios para o deserto. A barba curta e escura protegia-lhe a maior parte do rosto, mas sentia as áreas de pele exposta como se tivessem sido esfregadas até ficarem em carne viva pela abrasão dos grãos de areia. Conseguiu detetar por cima dos uivos do vento o ruído trepidante do helicóptero que se aproximava. Não precisou de olhar para os homens à sua volta para saber que nenhum deles se apercebera ainda desse som. Teria ficado mortificado se não tivesse sido ele o primeiro. Embora fosse dez anos mais velho do que a maior parte deles, como líder do grupo tinha de ser o mais perspicaz e o mais rápido. Uthmann Waddah mexeu-se ligeiramente e olhou para ele. O aceno de cabeça que Hector esboçou em sinal de confirmação foi quase impercetível. Uthmann era um dos operacionais em quem mais confiava. A amizade entre ambos remontava a muitos anos atrás, ao dia em que Uthmann resgatara Hector de um veículo em chamas sob as rajadas de atiradores furtivos numa rua de Bagdade. Mesmo nessa ocasião, Hector desconfiara do facto de ele ser um muçulmano sunita, mas depois Uthmann provara ser digno de confiança. Agora era um homem indispensável. Entre as suas outras virtudes, tinha ensinado a língua árabe a Hector até este a falar quase na perfeição. Apenas um interrogador qualificado se teria apercebido de que Hector não era um falante nativo.

Por algum efeito da luz do Sol alto, a sombra monstruosamente distorcida do helicóptero foi lançada contra as massas de nuvens como num espetáculo de lanterna mágica, ao ponto de o enorme MIL-26 russo, pintado com as cores vermelha e branca da companhia petrolífera Bannock Oil, parecer insignificante em comparação quando surgiu à plena vista. Só se tornou visível quando pairou a cerca de cem metros sobre a plataforma de aterragem. Dada a importância do único passageiro, Hector tinha contactado o piloto por via rádio enquanto este ainda se encontrava em terra, em Sidi el Razig, a base da companhia na costa onde terminava o oleoduto, e ordenara-lhe que não voasse naquelas condições atmosféricas. Mas a mulher cancelara essa ordem e Hector não estava habituado a que o contradissem.

Embora ainda não se conhecessem, a relação entre Hector e a mulher era delicada. Estritamente falando, Hector não era empregado dela. Era o único proprietário da empresa de segurança Cross Bow Security Limited. No entanto, a empresa tinha sido contratada pela Bannock Oil para proteger as suas instalações e pessoal. O velho Henry Bannock tinha escolhido Hector a dedo entre as muitas firmas de segurança desejosas de lhe fornecerem os seus serviços.

O helicóptero pousou com suavidade na plataforma de aterragem e, enquanto a porta na fuselagem deslizava até abrir, Hector avançou a passadas largas para se encontrar pela primeira vez com a mulher. Esta surgiu à porta e deteve-se para olhar em volta. Esta postura fez lembrar a Hector um leopardo a equilibrar-se num ramo alto de uma árvore marula para observar a presa antes de atacar. Embora achasse que a conhecia bastante bem em termos de reputação, emanava dela um tal poder e graciosidade que ficou surpreendido. Como parte da sua investigação, tinha examinado centenas de fotografias dela, lera resmas de guiões e vira horas de filmagens em vídeo. As imagens mais antigas mostravam-na no *court* principal de Wimbledon, a ser derrotada por Navratilova numa renhida partida dos quartos de final, ou três anos depois a receber o troféu da competição individual feminina do Open da Austrália, em Melbourne. De seguida, um ano mais tarde, o seu

casamento com Henry Bannock, o presidente da Bannock Oil, um extravagante magnata multimilionário que era trinta e um anos mais velho. Depois, imagens dela e do marido a conversarem e a rirem com chefes de Estado ou com estrelas de cinema e outras personalidades do mundo do espetáculo, a caçarem faisões em Sandringham como convidados de Sua Majestade e do príncipe Filipe, ou de férias nas Caraíbas no seu iate, o *Amorous Dolphin*¹. Depois havia sequências dela sentada ao lado do marido no pódio da assembleia geral anual da companhia; outras em que respondia de forma habilidosa e evasiva a Larry King no seu *talk show* televisivo. Muito mais tarde, surgia em luto de viúva e de mão dada à sua encantadora jovem filha enquanto o sarcófago de Henry Bannock era instalado no mausoléu do seu rancho nas montanhas do Colorado.

Depois disso, a sua batalha com os acionistas e os bancos e com o enteado particularmente venenoso era relatada de forma jovial pelos meios de comunicação empresariais do mundo inteiro. Quando conseguiu por fim arrancar, com grande esforço, dos dedos avarentos do enteado os direitos que tinha herdado de Henry e ocupou o lugar do marido na presidência da direção da Bannock Oil, o preço das ações da companhia afundou-se a pique. Os investidores sumiram, os empréstimos bancários secaram. Ninguém queria apostar numa ex-jogadora de ténis e rapariga glamorosa transformada em magnata do petróleo. Mas ninguém tivera em conta a sua perspicácia inata para os negócios, nem os anos de aprendizagem sob a tutela de Henry Bannock, que valiam mais do que cem mestrados em gestão de empresas. À semelhança das multidões no circo romano, os seus detratores e críticos aguardavam com expectativa macabra que ela fosse devorada pelos leões. Mas depois, para grande desgosto de todos, a viúva comprou o poço Zara Número Oito.

A revista *Forbes* divulgou amplamente na capa frontal a imagem de Hazel em equipamento branco de ténis, com uma raquete na mão direita. O cabeçalho dizia: «Hazel Bannock bate a opo-

¹ *Amorous Dolphin*: à letra, significa «Golfinho Amoroso». (NT)

sição. A maior descoberta de petróleo dos últimos sessenta anos. Assume o legado do seu marido, Henry, o Grande». O artigo principal iniciava assim:

No inóspito interior de um pequeno emirado desolado e empobrecido, chamado Abu Zara, existe uma concessão de exploração petrolífera que outrora era detida pela Shell. O campo de petróleo tinha sido explorado até secar e fora abandonado no período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial. Tinha permanecido esquecido durante quase sessenta anos. Até que a Sra. Hazel Bannock entrou em cena. Conseguiu a concessão por uns míseros milhões de dólares e os peritos acotovelaram-se uns aos outros com sorrisos pretensiosos. Ignorando os protestos dos seus conselheiros, a Sra. Bannock investiu muitos mais milhões para inserir uma broca de perfuração rotativa numa minúscula anomalia subterrânea na extremidade norte do campo de petróleo; uma anomalia que, com as técnicas de exploração primitivas de há sessenta anos, tinha sido considerada uma subsidiária do reservatório principal. Os geólogos dessa época eram unânimes na opinião de que qualquer petróleo contido nesta área há muito que se tinha escoado para o reservatório principal e fora bombeado para a superfície, deixando o campo completamente seco e sem valor.

No entanto, quando a broca da Sra. Bannock perfurou a impenetrável cúpula de sal do diápiro — uma vasta câmara subterrânea onde as jazidas de petróleo tinham ficado encurraladas —, a pressão excessiva do gás ascendeu estrondosamente ao longo do buraco da perfuração, com tal força que ejetou do tubo quase oito quilómetros da coluna de perfuração em aço como se fosse pasta dentífrica, e o buraco explodiu. Petróleo bruto de alta qualidade jorrou a centenas de metros de altura. Tornou-se então evidente que os velhos campos petrolíferos números um a sete que tinham sido abandonados pela Shell eram apenas uma fração das reservas totais. O novo reservatório jazia a uma profundidade de mais de seis mil e quinhentos metros e continha reservas estimadas em cinco mil milhões de barris de petróleo bruto doce e leve.

Assim que o helicóptero aterrou, o mecânico de voo baixou a escada de desembarque e desceu, estendendo depois a mão para ajudar a ilustre passageira. Ela não fez caso da mão estendida e saltou a distância de pouco mais de um metro, aterrando tão suavemente como o leopardo com quem tanto se parecia. Usava um fato de safári de cor caqui e corte elegante, com botas de camurça próprias para o deserto e um lenço *Hermès* à volta do pescoço. O cabelo espesso e dourado, que era o seu traço distintivo, estava solto e esvoaçava sob o efeito do *khamsin*. Que idade tinha ela?, perguntou-se Hector. Ninguém parecia saber ao certo. Aparentava ter trinta e poucos anos, mas deveria ter quarenta, pelo menos. Aceitou por breves instantes a mão que Hector lhe estendia, com uma firmeza aprimorada por centenas de horas nos *courts* de ténis.

— Bem-vinda ao seu Zara Número Oito, senhora — disse ele.

Hazel limitou-se a lançar-lhe um mero olhar de relance. Os seus olhos eram de uma tonalidade azul que fez lembrar a Hector a luz do Sol a irradiar através das paredes de uma caverna de gelo na fissura de uma montanha elevada. Era bastante mais donairoso do que as fotografias o tinham levado a crer.

— Major Cross. — Saudou-o com frieza.

Hector ficou surpreendido pelo facto de ela saber o seu nome, mas depois recordou-se de que Hazel tinha a reputação de não deixar nada entregue ao acaso. Certamente tinha investigado cada um dos elementos das suas dezenas de quadros superiores que poderia vir a conhecer nesta primeira visita ao seu novo campo de petróleo. *Se for esse o caso, ela deveria saber que já não uso mais a minha patente militar*, pensou ele, mas depois ocorreu-lhe que era provável que ela soubesse disso e estivesse a irritá-lo de forma deliberada. Conteve o sorriso amargo que lhe assomou aos lábios.

Por alguma razão, não gosta de mim e não faz nenhum esforço para ocultar isso, pensou. *Esta dama está talhada como uma das suas brocas de perfuração, toda aço e diamantes*. Mas Hazel já se afastara dele para cumprimentar os três homens que saltaram do enorme veículo *Humvee* cor de areia que parou ao lado dela e formaram uma obsequiosa linha de boas-vindas, sorrindo e meneando-se como cachorrinhos. Deu um aperto de mão a Bert Simpson, o seu diretor-geral.

— Lamento ter demorado tanto tempo a vir visitá-lo, senhor Simpson, mas tenho estado muito ocupada no escritório. — Ofereceu-lhe um sorriso breve e brilhante, mas não esperou por uma resposta. Prosseguiu e saudou, numa rápida sucessão, o seu engenheiro-chefe e o geólogo-chefe.

»Obrigada, cavalheiros. Saiamos agora deste vento desagradável. Mais tarde teremos tempo para nos conhecermos melhor. — A voz era suave, quase melodiosa, mas a inflexão era brusca e claramente sul-africana. Hector sabia que ela tinha nascido na Cidade do Cabo e que só adotara a nacionalidade americana depois de ter casado com Henry Bannock. Bert Simpson abriu a porta do lado do passageiro do *Humvee* para ela entrar. Assim que Bert ocupou o seu lugar ao volante, Hector estava já em posição de escolta no segundo *Humvee*, estacionado atrás. Um terceiro *Humvee* seguiria na dianteira. Os três veículos ostentavam o logótipo da Cross Bow Security: uma balestra medieval pintada nas portas. Uthmann seguia no primeiro veículo e conduziu a pequena coluna para a via de serviço que se estendia ao lado da enorme pitão prateada que era o oleoduto que transportava o precioso lodo ao longo de centenas de quilómetros até aos petroleiros à espera no litoral. Enquanto avançavam, as plataformas de perfuração surgiram de ambos os lados no meio da neblina amarelada, fileiras sucessivas que faziam lembrar os esqueletos de uma legião de guerreiros perdidos. Antes de alcançarem o uádi seco, Uthmann conduziu para fora da via e subiram uma cumeeira de rochas áridas e de um negro fuliginoso como se tivesse sido calcinada pelo fogo. O principal complexo de edifícios estava empoleirado no ponto mais elevado.

Duas sentinelas da Cross Bow em uniforme de combate abriram os portões e os três veículos entraram. O *Humvee* que transportava Hazel Bannock afastou-se de imediato da formação e atravessou o recinto interior até parar à frente das pesadas portas que davam acesso ao luxo do ar condicionado das suítes executivas. Hazel franqueou as portas, acompanhada por Bert Simpson e meia dúzia de funcionários fardados. As portas fecharam-se pesadamente. Assim que ela desapareceu, Hector teve a sensação de que faltava algo — o próprio *khamsin* uivava com menos furor — e, quando

se deteve à entrada do quartel-general da Cross Bow e olhou para o céu, reparou que as nuvens de poeira estavam de facto a romper-se e a assentar.

Já nos seus aposentos privados, Hector tirou os óculos e o *keffiyeh* que lhe protegia o pescoço. Depois lavou a sujidade do rosto e das mãos, aplicou gotas balsâmicas nos olhos raiados de sangue e examinou a cara no espelho da parede. A barba curta e escura dava-lhe um ar de pirata. A pele acima da barba estava muito bronzada pelo sol do deserto, à exceção da cicatriz prateada logo acima do olho direito, onde anos atrás um golpe de baioneta lhe expusera a ossatura do crânio. O nariz era largo e imperial. Os olhos eram de um verde sereno e uniforme. Os dentes eram muito brancos, como os de um predador.

— É a única cara que alguma vez terás, Hector, meu rapaz. Mas isso não implica que tenhas de a adorar — murmurou, respondendo de imediato a si próprio: — Mas dou graças ao Senhor por todas aquelas damas de gostos menos exigentes que há por aí. — Riu-se baixinho e entrou no gabinete de crise. O burburinho das conversas dos homens esmoreceu assim que ele entrou. Hector permaneceu no estrado e observou-os. Estes dez homens eram os seus líderes de esquadrão. Cada um deles comandava um grupo de dez homens e Hector sentiu uma leve pontada de orgulho. Eram guerreiros endurecidos e de eficácia comprovada, que tinham aprendido o seu ofício no Congo, no Afeganistão, no Paquistão, no Iraque e noutros campos sangrentos espalhados pelo perverso velho mundo. Demorara muito tempo a reuni-los e eram um grupo completamente repreensível de réprobos e assassinos inveterados, mas adorava-os como se fossem seus irmãos.

— Onde estão os arranhões e as dentadas, chefe? Não nos diga que conseguiu escapar-lhe impune! — bradou um deles.

Hector exibiu um sorriso tolerante e deu-lhes um minuto para debitarem o seu humor pesado e acalmarem. Depois ergueu a mão. — Cavalheiros, e uso a palavra cavalheiros num sentido vago, temos a nosso cargo uma dama que vai atrair a ardente atenção de cada bandido de Kinshasa até Bagdade, de Cabul até Mogadíscio. Se lhe acontecer alguma coisa desagradável, eu próprio tratarei de

cortar os tomates ao homem que deixar isso acontecer. Dou-vos a minha palavra solene de que assim farei.

Eles sabiam que não se tratava de uma ameaça vã. Os risos esmoreceram e todos baixaram o olhar enquanto Hector se fixava neles com uma expressão impassível durante alguns segundos após o silêncio se ter instalado. Pegou por fim no ponteiro pousado em cima da mesa à sua frente e virou-se para a enorme imagem aérea ampliada da concessão petrolífera na parede atrás dele e deu início ao *briefing* final. Delegou-lhes os respetivos deveres e reforçou as suas ordens prévias. Não queria nenhum descuido nesta missão. Meia hora depois, voltou a virar-se para eles. — Alguma pergunta? — Não houve nenhuma e dispensou-os então com uma ordem seca: — Em caso de dúvida, disparar primeiro, e certifiquem-se de que não falham.

Subiu para o helicóptero e disse ao piloto, Hans Lategan, que o levasse ao longo do oleoduto até ao terminal na costa do golfo. Voaram a uma altitude muito baixa. Hector estava sentado à frente, ao lado de Hans, perscrutando a via à procura de qualquer sinal de atividade inexplicada: pegadas humanas estranhas ou rastos de pneus feitos por algum veículo que não as próprias carrinhas GM de patrulha ou das equipas de engenheiros que faziam a manutenção do oleoduto. Todos os seus operacionais da Cross Bow usavam botas com a marca característica de uma flecha nas solas e, por conseguinte, mesmo àquela altitude, Hector podia distinguir entre as marcas amigáveis e as de um potencial bandido. No desempenho das suas funções como chefe de segurança tinha havido já três violentas tentativas de sabotagem contra as instalações da Bannock Oil em Abu Zara. Nenhum grupo terrorista reivindicara ainda a autoria desses atos, provavelmente porque nenhum dos ataques fora bem-sucedido.

O emir de Abu Zara, o príncipe Farid al Mazra, era um ferrenho aliado da Bannock Oil. Os dividendos da concessão dos direitos de exploração petrolífera que lhe eram pagos pela companhia ascendiam a centenas de milhões de dólares anuais. Hector tinha forjado uma forte aliança com o chefe da polícia de Abu Zara, o príncipe Mohammed, que era cunhado do emir. Os serviços secretos do

príncipe Mohammed eram muito competentes e três anos antes tinham alertado Hector para um iminente ataque por mar. Hector e Ronnie Wells, o seu comandante de área no terminal marítimo, tinham conseguido intercetar os assaltantes no mar com o barco de patrulha da Bannock, que era uma lancha-torpedeira que pertencera aos israelitas, capaz de atingir grandes velocidades e equipada com duas metralhadoras *Browning* de calibre .50 montadas na proa. Havia oito terroristas a bordo do *dbow* atacante, assim como várias centenas de quilos de plástico explosivo *Semtex*. Ronnie Wells era um ex-sargento-mor da Marinha Real, um marinheiro de vasta experiência e perito em manobrar pequenas embarcações de ataque. Emergiu da escuridão à ré do *dbow* e apanhou a tripulação totalmente de surpresa. Quando Hector os intimou a renderem-se através do megafone, os atacantes responderam com uma fuzilada de fogo automático. A primeira rajada das *Brownings* atingiu a carga de *Semtex* no porão do *dbow*. Os oito terroristas a bordo tinham partido em simultâneo para os Jardins do Paraíso, deixando para trás pouquíssimos rastros da sua prévia existência neste mundo. O emir e o príncipe Mohammed tinham ficado deleitados com o resultado. E trataram de impedir que o mínimo indício do incidente chegasse ao conhecimento dos meios de comunicação internacionais. Abu Zara tinha muito orgulho da sua reputação como um país estável, progressista e amante da paz.

O helicóptero aterrou no terminal de Sidi el Razig e Hector passou algumas horas com Ronnie Wells. Como sempre, Ronnie tinha tudo em perfeitas condições, renovando assim a fé que Hector depositava nele. Após a reunião, avançaram para o local onde Hans os esperava no helicóptero. Ronnie lançou-lhe um olhar de través e Hector soube exatamente o que estava a preocupá-lo. Dentro de três meses, Ronnie faria sessenta e cinco anos. Os seus filhos há muito que tinham perdido o interesse por ele e não tinha um lugar a que pudesse chamar lar fora da Cross Bow, à exceção talvez do Royal Hospital, a residência para militares aposentados em Chelsea, se porventura o aceitassem como pensionista. A renovação do seu contrato com a Cross Bow aconteceria algumas semanas antes do seu aniversário.

— Oh, a propósito, Ronnie — disse Hector —, tenho o teu novo contrato na minha secretária. Deveria tê-lo trazido para o assinares.

— Obrigado, Hector. — Ronnie sorriu, de careca reluzente. — Mas sabes que vou fazer sessenta e cinco anos em outubro, não sabes?

— Seu cabrão velhadas! — Hector sorriu-lhe. — E eu que durante os últimos dez anos pensei sempre que tinhas vinte e cinco. — Subiu para o helicóptero e regressaram, pairando pouco acima da superfície arenosa da via ao longo do oleoduto. O vento *khamsin* tinha varrido a superfície como uma diligente criada de casa, ao ponto de as pegadas das abetardas e dos órix do deserto estarem claramente impressas nela. Aterraram duas vezes para Hector examinar algum sinal menos evidente e manifesto e que pudesse ter sido feito por estranhos indesejados. Mas o resultado revelou-se inócuo. Tais marcas tinham sido feitas por beduínos nómadas, talvez à procura de camelos extraviados.

Aterraram uma terceira e última vez no local onde três anos antes tinha sido montada uma emboscada por seis desconhecidos que se tinham infiltrado na concessão vindos da vertente sul. Tinham percorrido quase cem quilómetros a pé através do deserto para alcançar o oleoduto. Quando os intrusos chegaram, fizeram uma escolha infeliz ao atacar a carrinha da patrulha na qual Hector seguia no lugar da frente. Hector avistara algo suspeito a meio da duna que se erguia ao lado da via que a patrulha percorria.

«Para!», bradara ele ao condutor, trepando de imediato para o tejadilho do veículo. Fixara o olhar no objeto que lhe tinha captado a atenção. A coisa voltara a mover-se, num ténue movimento deslizante, como uma cobra vermelha a rastejar. Fora precisamente esse mesmo movimento que lhe captara a atenção de início. Mas não havia cobras vermelhas neste deserto. Uma das extremidades da cobra sobressaía da areia e a outra ponta desaparecia debaixo dos ramos raquíticos e caídos de um arbusto espinhoso. Hector observara com atenção. O arbusto era suficientemente denso para ocultar um homem que se tivesse escondido aí. O objeto vermelho não se assemelhava a nada que ele conhecesse. Depois, aquilo

voltara a contorcer-se e Hector tomara então uma decisão. Apoiara a espingarda de assalto no ombro e disparara uma rajada de três tiros contra o arbusto. O homem que estivera escondido atrás dele levantara-se de um salto. Usava turbante e túnica, levava uma espingarda AK-47 a tiracolo e segurava nas mãos uma pequena caixa preta, da qual pendia um fino cabo vermelho.

«Bomba!», gritara Hector. «Protejam-se!» O homem na duna detonara a bomba e, com uma explosão atroz, a via a cento e cinquenta metros à frente da carrinha da patrulha rebentara numa altíssima coluna de poeira e chamas. A onda de choque quase derubara Hector do tejadilho da carrinha, mas conseguira manter-se agarrado sem perder o equilíbrio.

O bombista quase alcançara o topo da duna, correndo como uma gazela do deserto. Hector ainda estava ofuscado pela explosão e a sua primeira rajada fizera saltar a areia à volta dos pés do árabe, mas o indivíduo continuara a correr. Hector recuperara o fôlego e acalmara os nervos. A sua rajada seguinte atingira o árabe nas costas, fazendo voar-lhe poeira da túnica enquanto as balas o trespassavam. O homem fizera uma pirueta como um bailarino de *ballet* e sucumbira. Depois Hector vira cinco dos companheiros do bombista surgirem de repente do seu esconderijo no meio da vegetação rasteira. Atravessaram a linha do horizonte e desapareceram antes que pudesse disparar contra eles.

Hector relanceara o olhar ao longo da face da duna. Estendia-se por cinco ou seis quilómetros, tanto adiante como atrás da atual posição da patrulha. Era demasiado íngreme e macia ao longo de toda a sua extensão para que a carrinha pudesse subir. Teria de ser uma perseguição a pé, decidira ele.

«Fase Dois!», gritara ele aos seus homens. «Perseguição desenfreada! Vão! Vão! Vão!» Saltara da carrinha e conduzira os quatro operacionais a passo de corrida pela duna acima. Quando alcançaram o cume, os cinco insurgentes continuavam a correr numa formação dispersa ao longo da depressão de salina, a quase oitocentos metros de distância. Tinham conseguido esse avanço enquanto Hector e o seu grupo se viam forçados a subir com esforço a face da duna. Hector olhara-os e sorria de forma sinistra.

«Grande erro, meus lindos! Deveriam ter-se dispersado, cada um de vós deveria ter seguido numa direção diferente! Agora temos-vos bem agrupadinhos.» Hector sabia, com uma certeza absoluta, que numa perseguição direta não havia um único árabe que conseguisse escapar aos seus homens.

«Venham, rapazes. Não percam tempo. Temos de fisgar estes cabrões antes do pôr do Sol.» Demoraram quatro horas a lográ-lo; «estes cabrões» revelaram-se um pouquinho mais duros de roer do que Hector julgara. Mas depois tinham cometido o erro final. Detiveram-se para resolver a situação a tiro. Escolheram uma depressão que lhes parecera prometedora, um ponto estratégico natural, com um campo de fogo desimpedido em todas as direções, e assumiram posições no solo. Hector olhara para o Sol. Estava vinte graus acima do horizonte. Tinham de terminar aquilo sem demora. Enquanto os seus homens mantinham os terroristas de cabeças a coberto, Hector avançara sorrateiramente para um local onde pudesse ter uma melhor visão do campo de batalha. Reparara de imediato que não conseguiria atacar a posição dos árabes pela vertente frontal, pois acabaria por perder a maior parte dos seus homens. Estudara o terreno durante dez minutos mais e depois, com o seu olho de soldado, descortinara o ponto fraco. Por trás da posição dos árabes estendia-se uma dobra de terreno muito rasa: demasiado rasa para merecer o nome de uádi ou *donga*², mas conseguiria ocultar um homem que rastejasse de barriga. Semicerrara os olhos contra o Sol baixo e calculara que a dobra se estendia a quarenta passos na retaguarda do reduto do inimigo. Satisfeito, voltara dissimuladamente para junto dos seus homens.

«Vou contorná-los por trás e lançar-lhes uma granada. Ataquem assim que se der a explosão.» Hector tinha feito um grande desvio em redor do inimigo para manter-se fora da sua visão e, quando se enfiara na *donga*, só conseguira mover-se com muita lentidão, de modo a não levantar nenhuma poeira que os alertasse da sua aproximação. Os seus homens obrigaram os árabes a manter-se de

² *Donga*: pequena ravina de margens erodidas onde correu outrora um curso de água. (NT)

cabeças a coberto, disparando ao mínimo indício de movimento por cima da borda da depressão. No entanto, assim que Hector alcançara o ponto mais próximo da depressão, restariam talvez apenas mais dez minutos de claridade para poderem disparar antes de o Sol baixar no horizonte. Pusera-se de joelhos e com os dentes arrancara a cavilha de segurança da granada que segurava na mão direita. Depois levantara-se de um salto e calculara a distância. O inimigo encontrava-se no limite do seu alcance. Quarenta ou talvez cinquenta metros para lançar a pesada granada de fragmentação. Aplicara toda a sua força e o máximo retesamento do ombro para projetar a granada numa alta trajetória parabólica. Embora tivesse sido um bom arremesso, um dos seus melhores, o projétil atingiu a borda do reduto e, por um segundo, parecera que iria ficar ali imobilizado. Mas depois rolara em frente e caíra no meio dos árabes aninhados. Hector ouvira os gritos quando os inimigos se aperceberam do que era. Levantara-se de um salto e sacara prontamente da pistola enquanto corria em frente. A granada explodira segundos antes de alcançar o reduto. Hector detivera-se depois na borda e observara a carnificina em baixo. Quatro dos bandidos tinham ficado desfeitos em farrapos ensanguentados. O último tinha sido escudado em parte pelos corpos dos camaradas. Ainda assim, os estilhaços tinham-lhe rasgado o peito e os pulmões.

Tossia e cuspiam jorros de sangue e baba e debatia-se para recuperar o seu último fôlego enquanto Hector se mantinha sobre ele. O árabe olhara para cima e, para grande espanto de Hector, reconheceu-o. O homem falara por entre os borbotões de sangue e a sua voz era débil e indistinta, mas Hector percebera o que ele estava a dizer: «Chamo-me Anwar. Nunca o esqueças, Cross, seu porco a mando do grande porco. A dívida não foi saldada. A Dívida de Sangue continua. Outros virão.»

Agora, três anos depois, Hector estava no mesmo local e voltou a matutar nessas palavras. Ainda não conseguia perceber-lhes o sentido. Quem era o moribundo? Como é que ele o reconheceu? Abanou a cabeça, deu meia-volta e voltou para o helicóptero, cujos rotores giravam em *valenti*. Subiu a bordo e levantaram voo. O dia dissipava-se com rapidez no calor do deserto e, quando regressaram ao

complexo no Número Oito, faltava apenas uma hora para o ocaso. Hector aproveitou a claridade que restava para ir ao campo de tiro para duas séries de cem disparos com a *Beretta M9* de 9 mm e a espingarda de assalto *SC 70/90*. Todos os seus operacionais deveriam disparar pelo menos quinhentos tiros por semana e entregar os alvos ao armeiro. Hector verificava-os a todos regularmente. Todos os seus homens eram atiradores exímios, mas não queria que nenhuma complacência ou desleixo se infiltrasse na rotina deles. Eram competentes mas tinham de se manter sempre a esse nível.

Quando voltou do campo de tiro para o complexo, o Sol já se tinha posto e a noite abateu-se com celeridade sobre o breve crepúsculo do deserto. Dirigiu-se para o bem equipado ginásio e correu durante uma hora numa das esteiras rolantes, terminando com meia hora de levantamento de pesos. Tomou um duche quente nos seus aposentos privados e trocou o empoeirado uniforme de camuflado por outro recém-lavado e engomado e desceu então para a messe. Bert Simpson e os outros altos executivos estavam no bar privado. Tinham todos um ar cansado e abatido.

— Acompanhas-nos numa bebida? — convidou-o Bert.

— Que simpático da tua parte — disse Hector, fazendo sinal ao empregado do bar para lhe servir um copo duplo de puro malte *Oban* de dezoito anos. Hector e Bert fizeram um brinde e ambos beberam.

— E então, como tem passado a nossa patroa? — perguntou Hector.

Bert revirou os olhos com ironia. — Nem queiras saber.

— Desafio-te.

— Não é humana.

— A mim pareceu-me ter mais do que um simples toque humano — comentou Hector.

— Não passa de uma ilusão, meu caro amigo. Por via de mal-ditos espelhos ou algo do género. E mais não digo. Podes descobrir por ti mesmo.

— Que queres dizer com isso? — exigiu Hector saber.

— Vais acompanhá-la numa corrida, meu velho.

— Quando?

— Depois de amanhã, logo pela manhãzinha. Encontro às cinco e meia em ponto junto aos portões principais. Vinte e quatro quilómetros, foi o que ela estipulou. Quer-me parecer que o ritmo que ela vai impor será um pouquinho mais rápido do que uma passeata. Não deixes que ela te passe a perna.

2

Para Hazel Bannock também tinha sido um dia longo e exigente, mas nada que não conseguisse aliviar com um banho quente de espuma. Em seguida, aplicou champô no cabelo e usou o secador elétrico para dar forma à onda de cabelo louro por cima do olho direito. Depois vestiu um roupão de cetim azul que combinava com os seus olhos. Toda a bagagem dela tinha sido enviada dias antes da sua chegada. O conjunto de malas iguais de pele de crocodilo tinha sido desfeito pelas criadas e as roupas, agora recém-engomadas, estavam penduradas nos espaçosos armários do quarto de vestir. Os cosméticos e os artigos de higiene pessoal estavam arrumados em fileiras ordenadas nas prateleiras de vidro por cima dos lavatórios na casa de banho. Aplicou perfume *Chanel* por trás das orelhas e depois foi para a sala de estar. O armário das bebidas continha todos os artigos que a sua assistente pessoal, Agatha, estipulara na mensagem de correio eletrónico que enviara a Bert Simpson. Hazel encheu um comprido copo com gelo picado e sumo de limão acabado de espremer e adicionou uma pequeníssima quantidade de vodka *Dougan*. Levou a bebida para o seu centro privado de comunicações, na porta ao lado. Havia seis grandes ecrãs de plasma na parede da frente, de modo que podia observar simultaneamente os preços das ações e das matérias-primas em todas as principais bolsas de valores; os outros ecrãs exibiam os canais de notícias e os resultados desportivos. De momento, estava sobretudo interessada no Prix de l'Arc de Triomphe, em Longchamps, no qual corria um

dos seus cavalos. Esboçou uma careta de descontentamento quando reparou que o animal tinha ficado num decepcionante terceiro lugar. Este resultado confirmou-lhe a decisão de despedir o seu treinador e contratar o jovem irlandês. A sua atenção concentrou-se de seguida no ténis. Gostava de acompanhar os esforços das jovens russas e da Europa do Leste. Lembravam-lhe os tempos em que tinha dezoito anos e era faminta como uma loba. Sentou-se ao computador e deu um sorvo na vodca, cujo sabor parecia uma espécie de poção para fadas, enquanto abria a caixa de correio eletrónico. Em Houston, Agatha tinha feito a triagem de antemão para ela, de modo que havia menos de cinquenta mensagens a requerer a sua atenção pessoal. Examinou-as rapidamente. Embora fossem três da madrugada em Houston, Agatha dormia com o telefone pousado na mesinha de cabeceira, sempre pronta para atender as chamadas da patroa. Hazel contactou-a através do Skype. A imagem de Agatha surgiu no monitor. Vestia uma camisa de noite com rosas bordadas em redor da gola, tinha rolos no cabelo grisalho e os olhos pesados de sonolência. Hazel ditou-lhe as respostas às mensagens de correio eletrónico. No final, perguntou-lhe:

— Já estás melhor da constipação, Agatha? Já não pareces tão rouca como ontem.

— Já estou muito melhor, senhora Bannock. E muito obrigada por ter perguntado. — Era por esta razão que os empregados adoravam a sua atenciosa patroa, até ao dia em que cometiam algum deslize e ela os despedia para outra órbita.

Hazel cortou a ligação com Agatha e confrontou as horas no relógio de pulso com as do relógio digital na parede. Seria a mesma hora a bordo do *Amorous Dolphin*. Hazel não gostava do nome com que Henry batizara o iate e referia-se sempre à embarcação simplesmente como *Dolphin*. Por respeito à memória do marido, não tivera coragem para o mudar, além de que Henry lhe tinha assegurado que fazer isso só traria a pior das sortes possíveis. O nome era a única coisa de que Hazel não gostava na embarcação, com os seus cento e vinte e cinco metros de puro luxo hedonista, doze camarotes duplos para convidados e uma suíte sumptuosa para o proprietário. O salão de jantar e outras espaçosas áreas de

entretenimento estavam decorados com pitorescos murais da autoria de artistas modernos muito disputados. Os quatro potentes motores a diesel podiam fazê-la atravessar o oceano Atlântico em menos de seis dias. Dispunha de equipamentos eletrónicos topo de gama no tocante à navegação e às comunicações e Hazel podia pôr em ação todos esses brinquedos e engenhocas caros para grande diversão dos convidados a bordo, mesmo daqueles mais mimados e sofisticados. Hazel marcou o número de contacto com a ponte do *Dolphin* e a chamada foi atendida logo ao primeiro toque.

— *Amorous Dolphin*. Ponte. — Hazel reconheceu o sotaque californiano.

— Senhor Jetson?

Era o primeiro-oficial, e o tom da sua voz assumiu um temor respeitoso ao aperceber-se de quem estava a telefonar-lhe. — Boa noite, senhora Bannock.

— O comandante Franklin está disponível?

— Com certeza, senhora Bannock. Está aqui ao meu lado. Vou passar-lhe o telefone.

Jack Franklin cumprimentou-a e Hazel perguntou-lhe de imediato: — Está tudo bem, comandante?

— Tudo corre perfeitamente, senhora Bannock — assegurou-lhe.

— Qual é a vossa posição atual?

Franklin recitou as coordenadas exibidas no ecrã de navegação por satélite e depois apressou-se a traduzi-las numa forma mais inteligível. — Estamos a cento e quarenta e seis milhas marítimas a sudeste de Madagáscar, rumo à ilha de Mahé, nas Seicheles. A hora prevista de chegada a Mahé é ao meio-dia de quinta-feira.

— Fizeram, de facto, um bom progresso, comandante Franklin — disse Hazel. — A minha filha está na ponte consigo?

— Receio bem que não, senhora Bannock. Segundo sei, a Miss Bannock retirou-se cedo e deu ordem para que lhe servissem o jantar no camarote principal da senhora. Perdão, queria dizer no camarote *dela*.

A sua filha tinha permissão para usar o camarote principal quando a Sra. Bannock não seguia a bordo. Franklin sempre achara que as pinturas a óleo de Gauguin e Monet, bem como o

candelabro *Lalique*, eram luxos desperdiçados numa adolescente desenfreada que se considerava em tudo tão importante como a sua ilustre progenitora. No entanto, estava bem ciente de que deveria abster-se de fazer a mínima alusão aos defeitos da filha perante a mãe. Aquela bonita mas desagradável cabrazinha era o único ponto fraco de Hazel Bannock.

— Passe-me a chamada para o camarote dela, por favor — disse Hazel Bannock.

— Com certeza, senhora Bannock.

Hazel ouviu-o falar com o operador radiotécnico. A linha silenciou-se com um estalido e depois voltou a ganhar vida com o toque de chamada. Hazel esperou durante doze toques e já começava a ficar inquieta quando a chamada foi atendida. Reconheceu a voz da filha.

— Quem fala? Tinha dado ordem para não ser incomodada.

— Cayla, minha querida!

— Oh, mamã, que bom ouvir a tua voz. Tenho estado à espera da tua chamada o dia todo. Já começava a pensar que não gostavas mais de mim. — O seu deleite era notório e o coração de Hazel inchou de alegria maternal ao ouvi-la.

— Tenho andado muitíssimo ocupada, querida. Estão a acontecer tantas coisas aqui. — Cayla, «a pura»: o nome que tinha escolhido para a filha era tão apropriado. A imagem do rosto da filha surgiu-lhe na mente. Hazel sempre tivera a impressão de que a pele de Cayla tinha sido talhada em jade translúcido, por baixo da qual o sangue jovem pulsava e reluzia. Os olhos eram de um azul mais claro e mais etéreo do que os de Hazel. Neles parecia brilhar uma pureza de mente e de espírito. Aos dezanove anos, era uma mulher prestes a entrar na idade adulta, mas ainda intocada, virginal, perfeita. Hazel sentiu lágrimas tremular-lhe nos olhos enquanto a força do seu amor a subjugava. A filha era o elemento mais importante da sua vida, a razão de todos os seus sacrifícios e esforços.

— A minha querida mamã é assim. Sempre à mesma velocidade. À velocidade máxima! — Cayla riu-se com doçura e saiu de cima da figura masculina deitada por baixo dela na cama. Os seus

ventres desnudos estavam colados devido ao suor e separaram-se relutantemente com um ruído de sucção. Sentiu o pênis deslizar de dentro do seu corpo, acompanhado de um jorro quente do seu próprio fluido vaginal. Sentiu-se vazia sem o órgão dele dentro do seu corpo.

— Conta-me o que fizeste hoje — disse Hazel. — Estiveste a estudar? — Era por esta razão que deixara a filha a bordo do iate. As classificações semestrais de Cayla tinham sido catastróficas. O professor tinha ameaçado que, se não houvesse melhorias consideráveis, seria suspensa no final do ano letivo. Até à data, apenas os generosos donativos da mãe para os cofres da universidade tinham salvado Cayla desse destino.

— Tenho de confessar que hoje fui muito preguiçosa, minha querida mamã. Só me levantei da cama eram quase nove e meia. — Sorriu com um brilho travesso nos olhos azuis inocentes e pensou: *E só depois de o Rogier me ter dado dois orgasmos monumentais.* Soergueu-se na cama de lençóis brancos e aproximou-se, coleante, do corpo liso e musculado do rapaz. A pele dele estava lustrosa do suor, como se fosse chocolate a derreter. Continuaram a acariciar-se e Cayla ergueu os joelhos até ao queixo, virando-se um pouco para ele ter uma visão desimpedida do ninho de finos pelos louros entre as partes posteriores das suas coxas. Rogier estendeu a mão para as apartar delicadamente e Cayla estremeceu quando ele lhe afastou os lábios intumescidos da vulva e procurou com o indicador o botão de rosa no meio. Cayla manteve o telefone junto ao ouvido com a mão esquerda e com a direita agarrou-lhe o pênis, que continuava todo ereto. Cayla considerava este órgão como uma entidade separada, com uma força vital muito própria. Tinha até uma alcunha carinhosa para ele: *Blaise*, o mestre do mago Merlim. *Blaise* tinha-a enfeitado. Estava esticado em todo o seu majestoso comprimento, duro e reluzente devido à própria essência doce dela com que o ungira. Envolveu-o com o polegar e o indicador e começou a acariciá-lo com movimentos lentos e voluptuosos.

— Oh, querida, tinhas prometido que ias aplicar-te nos estudos. És uma rapariga inteligente e sei que basta um pequeno esforço para conseguires resultados muito melhores.

— Hoje foi uma exceção, mamã. Tenho estado a estudar muito em todos os outros dias. Hoje começou a minha coisa mensal. Tive uma terrível dor de barriga.

— Oh, pobre Cayla. Espero que já te sintas melhor agora, não?

— Sim, mamã. Sinto-me muito melhor. Amanhã já estarei bem outra vez.

— Quem me dera estar aí para poder cuidar de ti. Ainda só se passou uma semana desde que te deixei na Cidade do Cabo — disse Hazel —, mas parece que já foi há uma eternidade. Tenho tantas saudades de ti, minha querida.

— E eu de ti, mamã — assegurou-lhe Cayla. Depois não precisou de responder a mais nada enquanto a mãe se punha a falar da gestão dos seus horríveis e velhos campos de petróleo e dos problemas que tivera com os grosseiros e toscos simplórios que os administravam para ela. Cayla emitia ocasionalmente leves ruídos de concordância, mas estava a estudar *Blaise* com um pequeno franzir de concentração. Estava circundado. Os outros homens que ela tinha conhecido antes tinham todos aquele imundo capuz de pele pendurado da ponta do pénis. Só depois de ter conhecido Rogier é que se apercebera de como tais pénis eram feios em comparação com este belo mastro de carne que agora segurava com reverência entre o polegar e o indicador. *Blaise* era de um azul-azeviche, liso e reluzente como o cano de uma espingarda. Uma gotícula de cor clara escorreu com lentidão da fenda na glândula. Tremulou como uma gota de orvalho. Era tão excitante observar que Cayla estremeceu com deleite e a pele imaculada dos seus antebraços arrepiou-se. Curvou a cabeça sobre ele. Apanhou a gotícula com a ponta da língua. Provou o sabor dele. Queria mais, muito mais. Começou a acariciá-lo com mais intensidade, fazendo deslizar os dedos delicados e compridos, acima e abaixo do membro, como uma lançadeira num tear. Rogier lançou as coxas para a frente. Cayla viu os músculos da barriga dele contraírem-se. Conseguia sentir *Blaise* a inchar, duro e grosso na sua mão como o cabo de uma raquete de ténis. Os traços do rosto de Rogier retesaram-se. Lançou para trás a maravilhosa cabeça escura e abriu a boca. Cayla apercebeu-se de que ele estava prestes a gemer ou a gritar. Apressou-se a largar o

pénis e tapou-lhe a boca com a mão para o calar, mas ao mesmo tempo inclinou-se para ele e enfiou *Blaise* na boca o máximo que lhe foi possível. Conseguiu engolir menos de metade do seu comprimento e a ponta da glande intumescida comprimia-lhe a parte posterior da garganta, desencadeando-lhe o reflexo de vômito. Mas já se habituara a controlar isso. Arriscou afastar a mão que lhe tapava a boca. Queria sentir a acumulação do esperma no mais fundo dele. Deslizou a mão entre as coxas dele e agarrou a base do escroto. Continuou a chupar e a baloiçar a cabeça para cima e para baixo e sentiu a ejaculação começar, pulsante e vibrante na sua mão, até que os testículos se contraíram com firmeza.

Embora estivesse preparada para aquilo, a força e o volume surpreendiam-na sempre. Ofegou e engoliu tão rapidamente quanto pôde, mas não conseguiu absorvê-lo todo e o sémen excedente escorreu-lhe pelo queixo. Queria beber até à última gota que saía dele. Continuou a sugar e não conseguiu conter um gemido suave. A voz da mãe despertou-a do aturdimento do êxtase.

— Cayla! Que se passa? Estás bem? Que se passa? Fala comigo!

Cayla tinha deixado cair o telefone, que jazia agora a seu lado na cama, emitindo os ruídos roucos da mãe. Apressou-se a pegar nele e recompôs-se. — Oh! Descuidei-me e verti café por mim abaixo e na cama. Estava quente e apanhei um susto. — Riu-se sem fôlego.

— Não te queimaste, pois não?

— Oh, não! Mas sujei o edredão — disse ela, passando as pontas dos dedos pelas gotas escorregadias que tinham sido derramadas sobre a colcha de seda. Ainda conservavam o calor do corpo dele. Limpou os dedos no peito de Rogier e este sorriu-lhe. Cayla achava-o o homem mais belo que alguma vez vira.

A sua mãe mudou de assunto e começou a recordar a recente viagem de ambas à Cidade do Cabo, onde o *Dolphin* tinha atracado durante duas semanas. A avó de Cayla vivia numa magnífica mansão antiga, concebida por Herbert Baker, no meio das vinhas nos arredores da cidade. Hazel tinha comprado a propriedade vitivinícola com a ideia de se retirar para aí um dia num futuro muito distante. Até isso acontecer, era um lar perfeito para a sua querida mãe, que tinha amealhado e poupado cada cêntimo para que a

filha pudesse perseguir o sonho de participar nos grandes torneios mundiais de ténis. A velha senhora possuía um lar sumptuoso, com muitos criados e um motorista fardado que todos os sábados a levava à cidade no *Mercedes Maybach* para fazer as compras e tomar chá com as amigas.

Rogier levantou-se da cama e fez sinal a Cayla. Depois encaminhou-se nu para a casa de banho. As nádegas musculosas oscilaram de forma tantalizante. Cayla ergueu-se da cama de um salto e seguiu atrás dele, com o auscultador ainda encostado ao ouvido. Rogier deteve-se à frente do urinol e ela encostou-se à antepara ao lado dele enquanto o observava com um fascínio total.

Tinha conhecido Rogier em Paris, onde estava a estudar a arte dos impressionistas franceses na Université des Beaux-Arts. Sabia que a mãe nunca aprovaria o seu relacionamento com ele. O liberalismo da mãe não passava de mera retórica. O mais provável era que nunca tivesse sido levada para a cama por um homem de tez mais escura do que a parte interior de uma casca de laranja. No entanto, Cayla ficara enfeitiçada logo à primeira vista pelo exotismo de Rogier: a lustrosa pátina azul-metálica da sua pele, os finos traços nilóticos, o corpo alto e esbelto e o intrigante sotaque. Também se sentira agradavelmente excitada com os relatos das amigas da sua idade, aquelas com mais experiência do que ela, quando descreviam com pormenores lascivos o facto de os homens de cor serem muito mais dotados em termos de masculinidade do que os de qualquer outra raça. Lembrava-se com vividez de que ficara aterrorizada quando vira *Blaise* pela primeira vez em toda a sua plena tumescência imperial. Parecia-lhe impossível que pudesse acomodá-lo em toda a sua extensão dentro de si. A tarefa não se tinha revelado tão difícil como imaginara de início. Soltou uma risadinha ao recordar-se desse momento.

— De que é que estás a rir-te, querida? — perguntou a mãe.

— Estava aqui a lembrar-me daquela história da avó acerca do babuíno selvagem que lhe entrou na cozinha.

— A tua avó consegue ser muito engraçada — concordou a mãe, continuando a falar da próxima reunião familiar na ilha das Dez Léguas, nas Seicheles. Hazel era proprietária de todos os setecentos

hectares da ilha e do amplo bangaló à beira da praia onde planeava passar as férias do Natal com a família, tal como fazia todos os anos. Enviaria o jato à Cidade do Cabo para ir buscar a mãe e o tio John. Cayla afastou este pensamento da mente. Não queria lembrar-se da sua iminente separação de Rogier. Estendeu a mão e agarrou firmemente em *Blaise*, conduzindo Rogier de volta para a cama. A mãe terminou por fim a conversa.

— Tenho de ir agora, querida. Amanhã o meu dia começa muito cedo. Volto a ligar-te amanhã pela mesma hora. Adoro-te, minha pequenina.

— E eu adoro-te milhões de vezes mais, mamã. — Sabia o efeito que a sua fala à bebé tinha sobre a mãe. Cortou a ligação e lançou o telefone para cima do tapete de seda ao lado da cama. Beijou Rogier e enfiou-lhe a língua na boca, depois afastou-se e disse-lhe num tom perentório:

— Quero que fiques comigo esta noite.

— Não posso fazer isso. Sabes bem que não, Cayla.

— Porquê? — exigiu saber.

— Se o comandante descobrir acerca de nós, pendura-me a corrente da âncora à volta do pescoço e atira-me pela borda fora.

— Não sejas tão pessimista. Ele não vai descobrir. Tenho o Georgie Porgie nas mãos. Ele protege-nos. Basta-me sorrir-lhe que faz tudo por mim. — Estava a referir-se ao comissário de bordo.

— Tudo e mais alguma coisa pelo teu sorriso e um par de notas de cem dólares. — Rogier mudou para a sua língua materna, o francês, com uma risada. — Mas ele não é o comandante. — Levantou-se e aproximou-se da espreguiçadeira, para cujo espaldar tinha lançado o uniforme. — Não podemos dar-nos ao luxo de correr esse risco, já estamos a arriscar-nos muito ao fazer isto. Volto cá amanhã à mesma hora. Deixa a porta destrancada.

— Estou a ordenar-te que fiques. — A sua voz alteou-se. Também estava a falar francês agora, mas de uma forma mais rudimentar. Ele sorriu de um modo que a enfureceu.

— Não podes dar-me ordens para fazer seja o que for. Não és o comandante desta embarcação. — Estava a apertar os botões de bronze da jaqueta branca do seu uniforme de camareiro.

O comandante Franklin tinha razão. Cayla não se importava minimamente com os impressionistas franceses, nem, aliás, com nenhuns outros impressionistas. Tinha sido por insistência da mãe que se matriculara na Université des Beaux-Arts em Paris. A mãe estava obcecada com pinturas de nenúfares ou de raparigas taitianas seminuas, igual àquela pendurada na antepara virada para a cama, pintada por um francês alcoólico, sífilítico e viciado em drogas. Tivera a ideia louca de estabelecer a filha como negociante de arte assim que recebesse o diploma, quando a única coisa que realmente interessava a Cayla eram os cavalos, mas não valia a pena discutir com a mamã, porque a mamã conseguia levar sempre as suas ideias avante.

— Tu pertences-me — disse a Rogier. — Vais fazer o que te digo. — Pagara com o seu cartão Black Amex o bilhete dele em primeira classe de Londres para a Cidade do Cabo e conseguira-lhe o trabalho como camareiro no iate, subornando Georgie Porgie com um beijinho na face e um maço de notas de cem dólares. Era proprietária de Rogier, assim como era dona do seu carro desportivo *Bugatti Veyron* e da sua coleção de cavalos para concursos hípicas, os verdadeiros amores da sua vida.

— Volto amanhã à mesma hora. — Rogier tornou a esboçar aquele sorriso que a enfurecia e saiu do camarote, fechando a porta com suavidade.

— Vais encontrar a maldita porta trancada! — gritou-lhe ela, agarrando o telefone caído no chão e lançando-o com toda a força contra o reluzente nu de Gauguin. O auscultador ressaltou contra a tela retesada e deslizou pelo chão. Cayla atirou-se para cima da cama e chorou com fúria e frustração, de rosto enterrado na almofada. Era quando Rogier se recusava a obedecer-lhe que mais o desejava.

Rogier verificou a reserva de bebidas no bar de *cocktails* no salão principal. Georgie Porgie confiara-lhe essa tarefa. Retirou o punhal do lugar onde o tinha ocultado debaixo do balcão antes de ir para o seu encontro secreto com Cayla. A lâmina era de aço de Damasco e fora produzida pela Kia, a mesma empresa japonesa que outrora fabricara espadas de samurai. Era afiada como o bisturi de um cirurgião. Rogier levantou a ponta de uma das pernas das calças e prendeu a bainha do punhal à barriga da perna. A sua vida era perigosa e a arma conferia-lhe segurança. Fechou o bar por essa noite e depois desceu agilmente a escada de acesso ao convés de trabalho. Antes de chegar à cantina da tripulação sentiu o cheiro a carne de porco assada. O aroma oleoso agoniou-o. Talvez tivesse de passar fome nessa noite, a não ser que usasse os seus encantos junto do *chef*. O *chef* era alegre como uma cotovia numa manhã primaveril e Rogier era belo com o seu cabelo escuro, espesso e ondulado e olhos incandescentes. O seu sorriso condizia com a personalidade extrovertida e radiosa. Sentou-se à comprida mesa das refeições da tripulação e esperou até que o *chef* o visse da cozinha através da escotilha. Rogier sorriu-lhe e apontou para o grosso naco de carne de porco no prato do grumete fogueiro a seu lado e revirou os olhos num eloquente gesto de repulsa. O chefe retribuiu-lhe o sorriso e cinco minutos depois mimou-o com uma grossa posta de maruca-do-cabo. Um dos mais saborosos peixes marítimos comestíveis, tinha sido cozinhado na perfeição até se desfazer em lascas brancas

e fora regado com o famoso molho do *chef*. Destinava-se à mesa do comandante antes de ser desviado.

O grumete fogueiro relanceou os olhos pelo prato de Rogier e murmurou por entredentes: — Maricas dum raio!

Rogier continuou a sorrir, mas inclinou-se para a frente e levantou a bainha da perna das calças. O punhal fino surgiu-lhe na mão por baixo do tampo da mesa.

— Aconselho-te a não voltares a dizer isso — advertiu-o Rogier. O fogueiro olhou para baixo: a ponta do punhal estava apontada ao seu entrepernas. A cor desapareceu-lhe do rosto e levantou-se precipitadamente, abandonando a costeleta de porco e saindo apressado da cantina. Rogier comeu o peixe com um prazer requintado. As suas elegantes maneiras pareciam destoar daquele ambiente.

Antes de sair, parou junto da escotilha e esboçou um aceno de agradecimento ao *chef*. Depois subiu para o convés da popa, onde a tripulação tinha permissão para se exercitar ou relaxar durante os períodos de folga. Olhou para a lua crescente. Sentiu um profundo anseio de rezar ali sob o símbolo da sua fé. Queria expurgar da mente a memória da prostituta cristã e fazer a expiação pelo sacrilégio que tinha sido forçado a cometer com ela por ordem do avô. Mas não podia rezar ali. Corria um enorme risco de ser visto. Fizera crer a todos a bordo do iate que era um praticante católico romano de Marselha. Este pormenor explicava a sua tez de norte-africano.

Antes de descer do convés principal, olhou para o horizonte a norte e conseguiu fixar na memória a direção de Meca. Encaminhou-se para o seu minúsculo camarote, pegou na bolsa de higiene pessoal e na toalha e seguiu pelo corredor até ao chuveiro e lavabos que eram partilhados por todos os elementos da tripulação do primeiro convés. Lavou cuidadosamente a cara e o corpo, escovou os dentes e enxaguou a boca num ritual de purificação. Quando acabou de se secar, prendeu a toalha em volta da cintura, voltou para o camarote e trancou a porta. Pegou no seu saco de marinheiro pousado na prateleira por cima do beliche e tirou o tapete em seda e o cafetã de oração de uma brancura imaculada. Desdobrou o tapete no pavimento, virado para Meca, cuja direção tinha calculado

segundo o rumo do iate. Mal havia espaço suficiente para estender o tapete no chão. Colocou o cafetã sobre a cabeça e deixou a bainha cair-lhe à altura dos tornozelos. Manteve-se de pé junto à parte posterior do tapete e murmurou em árabe uma breve oração introdutória. Não queria correr o risco de ser ouvido inadvertidamente por algum dos seus companheiros de bordo enquanto passavam pela porta do camarote:

— Perante Alá, o Clemente, e o seu profeta, declaro que sou Adam Abdul Tippoo Tip e que desde o dia do meu nascimento abracei o islão e sou hoje e sempre fui um verdadeiro crente. Confesso os meus pecados, pois coabitei com a infiel e adotei o nome infiel de Rogier Marcel Moreau. Imploro o teu perdão por estes atos, os quais cometi unicamente ao serviço do islão e de Alá, o Clementíssimo, e não por meu próprio desejo ou vontade.

Muito antes do nascimento de Rogier, o seu virtuoso avô tinha tomado a precaução de enviar as suas esposas grávidas e as mulheres dos seus filhos e netos para dar à luz a progénie na minúscula ilha da Reunião, no canto sudeste do oceano Índico. Por um feliz acaso, o seu próprio avô tinha nascido nessa ilha, de modo que sabia como esse lugar de nascimento era conveniente. A ilha da Reunião era uma região administrativa da Grande França e, por conseguinte, qualquer indivíduo nascido nas suas escarpadas encostas negras e vulcânicas era um cidadão de França, detentor de todos os direitos e privilégios que esse estatuto implicava. Dois anos antes do início da presente operação, e por insistência do avô, Adam tinha mudado formalmente o seu nome por escritura declaratória na região administrativa de Auvergne, em França, e recebera um novo passaporte francês.

Assim que terminou o seu apelo pessoal a Alá, Rogier iniciou a oração do anoitecer com a saudação em árabe: — É minha intenção oferecer quatro *rakats*³ da oração de Isha, virado para a *qibla*, a direção de Meca, por amor a Alá e Alá apenas.

³ *Rakat*: a unidade básica da oração islâmica. Cada *rakat* equivale a uma sequência de movimentos (véncias, genuflexões e prostrações) que é iniciada quando o crente recita o primeiro capítulo do Alcorão. (NT)

Iniciou a complicada série de vénias, genuflexões e prostrações enquanto murmurava as orações necessárias. Quando terminou, sentiu-se vivificado e refortalecido de corpo e na fé. Chegara o momento de pôr em marcha o plano contra o infiel e o blasfemo. Tirou a túnica de oração e enrolou-a juntamente com o tapete de seda, guardando ambos os objetos no fundo do grande saco de marinheiro. Depois vestiu calças de ganga, uma camisa de cor escura e um anoraque leve e preto. De seguida, tirou a mochila da prateleira da bagagem por cima do beliche e abriu a aba de um dos bolsos laterais. Tirou um telemóvel *Nokia* preto. Era um modelo idêntico àquele que usava para as comunicações normais. No entanto, este aparelho tinha sido modificado por um dos técnicos do avô. Ligou-o e verificou se a bateria estava carregada. Tinha carga suficiente pelo menos para uma semana de uso até precisar de voltar a recarregá-la. Desde que tinham partido da Cidade do Cabo, inspecionara de forma sub-reptícia a superestrutura do iate à procura do lugar mais apropriado para poder instalar o dispositivo e acabara por optar pela pequena arrecadação no convés da popa, onde eram guardadas as espreguiçadeiras e o equipamento de limpeza. A porta nunca estava fechada e entre o lintel e o teto baixo havia um rebordo estreito que era perfeitamente adequado para o seu objetivo. Tirou do bolso da mochila um rolo de fita adesiva de dupla face e uma pequena lanterna *Maglite*. Cortou duas tiras de fita e colou-as nas costas do telemóvel. Enfiou o telemóvel e a lanterna no bolso do anoraque, saiu do camarote e subiu a escada para o convés da popa. Apoiou os cotovelos na amurada e observou a esteira causada pelo movimento do iate. Era cremosa devido à fosforescência emitida pelas minúsculas criaturas que estavam a ser agitadas pelas hélices. Depois olhou para a lua crescente, que já se afastara imenso do horizonte escuro. A Lua do islão; sorriu, pois era um sinal propício. Afastou-se da amurada e olhou em volta de forma desconfiada para se certificar de que não estava a ser observado. Adotara o hábito de subir ao convés todas as noites após terminar o serviço no bar, de modo que a sua presença ali àquela hora não dava azo a suspeitas. A porta da arrecadação estava na sombra da superestrutura do iate. Com as suas roupas escuras,

Rogier era quase invisível enquanto avançava para aí. O trinco e a porta abriram-se facilmente. Esgueirou-se no interior e fechou a porta. Ligou a lanterna, mas cobriu o potente feixe com a mão e fê-lo incidir no recanto por cima do lintel, que se situava acima da linha de visão mesmo de uma pessoa alta que ali entrasse. Tirou o telemóvel do bolso com a mão livre e escolheu o local exato para colocar o dispositivo. Ergueu a mão e pressionou as tiras de fita adesiva contra a antepara. Testou com cuidado e comprovou que o dispositivo estava bem seguro; seria necessária uma força considerável para o remover dali.

Premiu o botão de ligação e a luzinha vermelha brilhou de imediato, emitindo um bipe eletrónico quase inaudível. O *transponder*⁴ estava a transmitir. Rogier soltou um grunhido de satisfação e premiu o botão de silenciamento. O bipe silenciou-se, mas a luzinha vermelha continuou a piscar. Só um recetor sintonizado no exato comprimento de onda do *transponder* e que estivesse corretamente codificado conseguiria ler as transmissões. O código de transmissão era 1351. Era o equivalente islâmico a 1933 no calendário gregoriano, o ano do nascimento do seu avô. Rogier desligou a lanterna e saiu, furtivo, da arrecadação, fechando a porta sem fazer ruído. Desceu depois para o seu camarote.

⁴ *Transponder*: aparelho emissor-recetor que responde automaticamente a uma mensagem de identificação, ao sinal de um radar. (NT)